

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE ARTES - IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS- VIS

Renata Esteves Lobato

Avaliação Mediadora: Uma proposta ao ensino de Artes Visuais.

Brasília, 2015

Renata Esteves Lobato

Avaliação Mediadora: Uma proposta ao ensino das Artes Visuais.

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientadora: Prof.^a Maria del Rosário Tatiana Fernández Méndez.

Dedicatória

Para os meus pais que me apoiaram a seguir esse caminho, mesmo diante de tantos olhares de reprovação e para todos os professores que encontrei até aqui, principalmente aqueles que de alguma maneira influenciaram a minha escolha em ser eu também professora.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por terem me passado os melhores valores e por terem me ensinado a importância do estudo. As minhas irmãs Andréia e Nathália pelo companheirismo e por terem me apoiado.

A minha orientadora, Professora Tatiana Fernandez, pela paciência, apoio e empenho para que esse trabalho ficasse cada vez melhor.

A professora Izabel Nunes pelo carinho e disponibilidade de abrir as portas da sua sala de aula para mostrar a Avaliação Mediadora na prática.

A Universidade de Brasília pela infinidade de conhecimentos que pude aprender e por me mostrar o caminho para a minha vocação.

RESUMO

O presente TCC busca estudar a possibilidade da Avaliação Mediadora vir a ser uma forma de avaliar no ensino das artes visuais a partir de uma pesquisa qualitativa baseada em estudos bibliográficos e estudo de caso com quatro professores de arte do ensino médio no entorno de Brasília. Para este efeito foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Os resultados mostram que a maioria dos professores não considera a avaliação como uma forma de mediação para o crescimento dos estudantes, mas aponta no caso de um professor, que usando a AM abre possibilidades de compreender a avaliação como um acompanhamento do desempenho dos estudantes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1.DEFINIÇÕES	08
1.1 Entendendo a Avaliação: Primeiros conceitos	08
1.2 Avaliação no ensino de arte e as suas problemáticas	11
1.3 Avaliação Mediadora	15
1.4 Exemplos do uso da Avaliação Mediadora em sala de aula	17
2. Caminhos Metodológicos	22
3. Desafios e possibilidades para uma proposta de avaliação em artes visuais	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERENCIAS	39
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, tem por objetivo, a partir de estudos bibliográficos e estudo de caso, estudar a possibilidade do conceito de Avaliação Mediadora, formulado pela pesquisadora e doutora em educação Jussara Hoffmann, vir a ser uma forma de se avaliar dentro do ensino de artes visuais, além de procurar compreender qual o conceito e importância da avaliação para os educadores em artes visuais e quais os problemas que são associados a ela.

O desejo de pesquisar a avaliação em artes visuais se deu devido as constantes observações realizadas nos estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Artes Plásticas, em especial as observações dos critérios avaliativos usados pelos professores, muitos se limitavam ao resultado final do aluno, outros, com relação as atividades práticas se prendiam ao “gostar” ou “não gostar” do trabalho do aluno, não se interessando pelo seu processo.

Além das experiências como estagiária nos estágios outro fator motivador para a escolha do tema foram as experiências vivenciadas dentro de sala de aula como aluna. As confusões com relação aos critérios avaliativos e conseqüentemente as notas, a não compreensão do uso exclusivo de provas em uma disciplina extremamente prática e o porquê das notas finais em determinados trabalhos. Muitas vezes observava o processo criativo de colegas de classe e como os conceitos e o próprio trabalho eram bem planejados e executados, mas que ao final não eram avaliados com notas satisfatórias. Em outras ocasiões percebia que as notas estavam associadas muito mais ao aluno e sua relação com os professores do que propriamente os trabalhos e a maneira como eram realizados. Tudo isso influenciou para que o tema desse trabalho fosse a avaliação.

Conheci a proposta da Avaliação Mediadora durante uma pesquisa que fiz para a disciplina de Estágio Supervisionado três. Na ocasião, eu deveria ministrar algumas aulas e tinha sérias dúvidas a respeito da avaliação, como realiza-la quando o que precisava ser avaliado eram as atividades práticas propostas por mim e realizadas pelos alunos. Quando tive a oportunidade de ler a respeito da Avaliação Mediadora percebi que ela tinha grande potencial para ser utilizada dentro das aulas de artes plásticas nas escolas. O presente trabalho procura investigar como a Avaliação Mediadora pode contribuir pedagogicamente dentro das aulas de artes plásticas. Assim, observo por meio de entrevistas com quatro professores de escolas de Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal que conceitos estão presentes na

forma de avaliar, como as políticas institucionais interferem na avaliação e como a Avaliação Mediadora poderia contribuir para que ocorressem mudanças na avaliação.

Para essa pesquisa foram utilizados os escritos de alguns pesquisadores da área de educação como Carlos Luckesi (2011), Hoffmann (2010) além de pesquisadores da área de educação em artes visuais como Fernando Hernández (2000), Ana Mae Barbosa (2005), Irene Tourinho (2010), Luciana Mourão e Rosa Iavelberg (2006) que auxiliaram na compreensão da avaliação como parte importante e presente em todo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, de ser responsável pelas escolhas metodológicas de professores e diretores nas instituições escolares, além de ajudar na compreensão da Avaliação Mediadora como uma forma de mediação entre o estudante e sua aprendizagem.

1.DEFINIÇÕES

A avaliação da aprendizagem está relacionada a três acepções diferentes, mas que se completam na conceptualização do que é avaliar. Na primeira concepção temos a avaliação como ação e reação. Tal concepção está relacionado ao planejamento das ações que se quer tomar e seus efeitos, ou seja, nessa primeira etapa temos o caráter auto avaliativo. Na segunda acepção temos a observação dos fatos e a análise dos mesmos, ou seja, avaliar é também observar os momentos que caracterizam o processo de ensino aprendizagem e analisa-los e finalmente na terceira vertente da avaliação temos a valoração, ou seja, a atribuição de valores podendo ser notas, conceitos, entre outros (Tourinho, 2010).

Assim, nesse primeiro capítulo teremos alguns conceitos sobre o que é avaliação e o que ela representa dentro de sala de aula no processo de ensino aprendizagem.

1.1Entendendo a Avaliação: Primeiros conceitos.

A avaliação é uma parte complexa do processo de ensino-aprendizagem na educação em geral e na educação de artes visuais em particular. Como tal, os professores, em especial os professores de arte, a quem se dirige esta pesquisa, devem pensar a avaliação como uma parte integral do processo educativo porque faz parte da formação dos estudantes e da comunidade em que vivem. De maneira geral, nas instituições escolares e de educação superior, a avaliação é pensada no seu sentido instrumental, com o intuito de classificar, rotular e excluir

o aluno de um processo de aprendizagem e, portanto, de um processo social que tem consequências sobre a comunidade. Esta pesquisa se propõe estudar maneiras de superar as políticas de avaliação como políticas excludentes e propô-las como políticas de mediação. A avaliação com o intuito de classificar, rotular e excluir o aluno tem sido uma das mais utilizadas pelas instituições escolares, sejam elas de nível fundamental ou de superior e é exatamente por ser tão frequente que merece ser estudada assim como maneiras de superá-la.

De acordo com Luckesi (2011) as nossas instituições escolares obtêm os resultados da aprendizagem de seus alunos a partir de duas fases. A primeira, pela medida dos “acertos” que se dá pela contagem das respostas corretas. Esses acertos se transformam em pontos. Na segunda etapa do processo avaliativo os pontos viram notas ou conceitos que, para a maioria dos professores, pais e dos próprios alunos, reflete a qualidade da aprendizagem. Se as notas refletirem que o aluno não conseguiu aprender de maneira correta, de acordo com o autor acima citado, o professor tem três caminhos a seguir. No primeiro ele apenas registra as notas no seu diário, no segundo proporciona ao aluno uma nova avaliação para que possa recuperar sua nota e na terceira pode refletir sobre o resultado e decidir trabalhar com o educando encima das dificuldades dele. Infelizmente a última opção não é muito utilizada.

Assim, podemos observar que o processo de avaliação é usado, na maioria das vezes apenas para classificar os alunos, fato contrário a proposta do que seria de fato uma avaliação. Avaliar requer que haja uma coleta dos dados seguida de uma análise e uma síntese e só termina quando há uma decisão sobre o que fazer com eles (Luckesi, 2011). Todos esses dados provam que hoje temos uma gama de instituições escolares que fazem uso da avaliação classificatória e uma minoria que tenta implementar um modelo de avaliação mais voltado para o aluno, para a aprendizagem¹. Enquanto o primeiro tem como foco apenas a nota do aluno, o segundo visa o processo. Em um teste moldado com os princípios classificatórios, como professores, avaliamos o aluno por aquilo que ele apresenta naquele determinado momento em detrimento de tudo o que ele passou, aprendeu e transformou enquanto aprendia o conteúdo, coisa que no segundo modelo levamos em consideração, valorizamos.

Luckesi(2011) faz essa diferenciação entre as avaliações dando a primeira um caráter de cunho classificatório, denominando-a de *verificação*. Segundo ele esse conceito surge exatamente da ânsia de se pesquisar, investigar se algo é como se diz que é, passando por um

¹ Ver: LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

processo de coleta de dados, análise dos mesmos e conclusão, terminando nesse último ponto ou seja, não há uma reflexão a respeito dos dados coletados, não se busca soluções (LUCKESI, 2011), nem se problematiza.

Essa ênfase da verificacão na análise dos dados que se deseja coletar, demonstrada a partir de provas que buscam analisar se o aluno decorou um conteúdo, se ele é capaz de reproduzir tal conceito *ipsis litteris* como foi ensinado, está com muita frequência presente nas escolas e instituições de ensino dos nossos dias. O que são as provas se não objetos de verificacão de informacões quando, após o termino das mesmas não se realiza nenhum trabalho de interpretaçã dos erros² dos alunos?

Assim podemos dizer que a avaliacaõ requer uma análise dos dados coletados, pede uma tomada de decisã de acordo com os mesmos. O educador, ao avaliar, precisa estar atento ao aluno e as respostas que dá frente aos estímulos aplicados por ele. É somente a partir dessas respostas que o professor poderá tomar decisões que visem o aprimoramento e aprendizagem do aluno, assim, a avaliacaõ é diagnóstica, a verificacão é classificatória (LUCKESI, 2011).

Para Hoffmann (2007) o ato avaliativo requer um conjunto de ações, que perduram por um longo tempo e podem ocorrer em diferentes espaços, de diferentes maneiras o que tornaria o ato avaliativo algo processual, assim as provas, testes ou exercícius não poderiam ser utilizados como único instrumento de avaliacaõ, situaçã presente em muitas instituições. Nelas os alunos são submetidos a apenas uma prova, ao final de um conteúdo ou unidade e o seu resultado será a nota final que constará no boletim. E ainda complementa a respeito dos testes, provas, etc.: “Métodos e instrumentos de avaliacaõ estão fundamentados em valores morais, concepções de educaçã, de sociedade, de sujeito. São essas as concepções que regem o fazer avaliativo e que lhe dão sentido” (HOFFMANN, 2007, pag. 13). Ou seja, a avaliacaõ é algo que está no processo de aprendizagem, em todas as suas etapas, o que é contrário ao que comumente entendemos como avaliacaõ, que na verdade é apenas um conjunto de registros avaliativos.

²É importante que os educadores possam modificar o caráter pejorativo do erro, transformando-o em algo essencial para que o ensino ocorra. Tal fato se justifica, por exemplo, quando analisamos a história das várias descobertas científicas, que só foram possíveis graças ao erro. A escola precisa entender o erro como um passo importante para que haja o acerto. A história da pedagogia é capaz de mostrar que durante muito tempo o erro foi respondido com castigos físicos e psicológicos, os últimos ainda estão presentes, o que precisa ser superado. Para mais informacões sobre o erro ver: *Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude*, Carlos Luckesi, 2011.

Assim, é importante pensarmos que a escolha de uma ferramenta avaliativa reflete a crença que o professor e por vezes que as instituições escolares trazem como verdadeiras, como corretas. Ao professor cabe, quando possível, já que muitas vezes a ele são vetadas oportunidades de modificação de métodos pela escola, repensar, refletir sobre o seu fazer dentro de sala de aula e se aquelas escolhas estão sendo adequadas para o tipo de aluno a quem ele está ensinando, se a sua ação educativa não está mais pautada no que ele acha que é o melhor ou se de fato é o melhor para os seus alunos.

Para Hernandez (1998) a avaliação é também vista como processo, assim, ela seria mais comumente entendida como uma série de etapas que culminam para uma coleta de dados que possam atestar a apreensão ou não dos conteúdos ministrados dentro de sala de aula. Essa “coleta de dados” é feita a partir de critérios específicos que podem atestar futuramente as conclusões daquele que avalia diante do avaliado. Por isso que para esse autor uma das atividades avaliativas que mais dariam certo como instrumento seriam os portfólios. Eles trariam essa fluidez, essa continuidade para a avaliação e ainda apresentariam o progresso dos alunos tanto para eles mesmos, o que facilitaria para a construção da “auto avaliação”, quanto para os professores.

A história dos diversos conceitos na filosofia da educação e metodologias relacionadas a elas foram pensadas para finalidades pontuais segundo a situação do período histórico em que elas surgiram. No campo da educação temos em destaque três concepções pedagógicas, a concepção Tradicional, onde a avaliação tem o caráter de exame e classificatório; a concepção Tecnicista, cuja as bases são os estudos psicológicos e os testes educacionais e a concepção Qualitativa, onde se busca a coleta de dados e a reflexão destes³(BACKES,S.n., S.d). É importante ressaltar que todas as “vertentes” históricas avaliativas acima citadas ainda estão presentes no dia a dia escolar, mesmo a avaliação tradicionalista dos exames que data dos séculos XV e XVII (ver: BACKES, não datado).

1.2.A avaliação no ensino de arte e as suas problemáticas.

³ Ver: BACKES, Dorimar Dal Bosco. **Avaliação do processo de ensino aprendizagem: conceitos e concepções.** [S.l.:Sn.,Sd.].

A avaliação é uma das etapas de maior complexidade da avaliação em artes visuais. Como vimos, por refletir as crenças sociais ela foi, muitas vezes, encarada como sem importância para o ensino das artes visuais, segundo Hernandez (2000).

Por outra parte Ana Luiza Guimarães e Nádía Aparecida Souza (2011) acreditam que o processo avaliativo no ensino das artes visuais é ainda mais complexo porque, além de ter que se preocupar em avaliar os itens formais dos conteúdos é necessário que ele ainda volte o seu olhar para as questões estéticas, sabendo que essas questões são por si só mais complexas pois tratam dos conceitos do que é Belo, o Sensível, a Criação e materialidade dos trabalhos.

Irene Tourinho (2010) observa que essa dificuldade da avaliação em artes visuais se dá porque os professores da área não percebem que a avaliação, como ação, requer percepção, interpretação e que essas também são submetidas a convenções. Para Tourinho os professores precisam ter em mente que é necessário evitar esconder a ameaça que é a avaliação, o que levará a um constate questionamento a respeito da mesma, além de se refletir se de fato aprender arte é sempre prazeroso e positivo (Tourinho, 2010, p. 2104/05).

Ainda sobre a complexidade da avaliação Mourão e Iavelberg (2006) defendem que avaliar uma atividade plástica de qualquer pessoa, mas mais especificamente dos alunos requer muita atenção e respeito por parte do professor, já que no momento em que o aluno produz algo está imprimindo suas crenças, cultura entre outras particularidades. Além disso é importante que o professor meça suas críticas e conheça o seu aluno afinal, qual seria a reação de uma criança que por exemplo tem medo ou vergonha de desenhar ao ser julgada pelo seu desenho?(Mourão e Iavelberg, 2006).

Ademais existem uma série de habilidades que lhe são atreladas que falam de avaliações extremamente subjetivas, impossíveis de serem alcançadas, o que se torna um outro problema para os professores. Esse tipo de questão foi detectado por Hernandez (2000) quando o autor analisou o conceito de avaliação que aparece nos PCNs aqui do Brasil para o ensino fundamental. No documento os alunos precisam aprender ao final de alguns conteúdos competências e habilidades extremamente extensos e de impossível identificação tanto para os professores quanto para os próprios alunos, o que é de vital importância principalmente para que eles possam identificar suas dificuldades e acompanhar o próprio crescimento, como aponta Hernandez (2000):

O problema dessas considerações não está em seu enunciado, por si só paralelo aos conteúdos do currículo, mas na extensão (por exemplo, como valorizar de uma maneira realista, na experimentação de materiais-critério 1-, a “percepção, a imaginação, as emoções e ideias” e ao mesmo tempo, o “empenho em superar-se” e na consideração como um “todo” de cada um dos critérios propostos. (HERNANDEZ, 2000, pag. 146).

Se esses quesitos apresentados pelo governo como sendo pontos importantes na avaliação são difíceis de serem compreendidos e avaliados, Hernandez (2000) lista uma série de perguntas que devem ser feitas do professor para consigo mesmo, enquanto analisa as atividades de seus alunos. Segundo o autor essas questões podem ajudar no processo e ainda melhoram a reflexão do professor diante do seu trabalho. São elas:

- 1.O aprendiz constrói conceitos sobre arte?
- 2.Relaciona e compara intenções e valores nas manifestações artísticas e estéticas do passado e da atualidade, na sua própria cultura e na de outros povos? Em que nível de profundidade?
3. (...) identifica autores e artistas de diferentes épocas, países, movimentos, gêneros, nas diversas linguagens da arte?
4. Situa as preocupações estéticas dos períodos da história da humanidade que foram trabalhados?
- 5.Compreende e explica como as manifestações artísticas, a história e a cultura se influenciam mutuamente na produção e na decodificação de seus produtos?
- 6.Conhece as profissões artísticas? (HERNANDEZ, 2000, pag. 147).

O trabalho com esses questionamentos poderia ajudar no processo de ensino aprendizagem na medida em que ao se questionar o professor proponha atividades em que o aluno aprenda os conteúdos de arte de maneira menos fragmentada em conjunto com a realidade social em que os alunos vivem.

Uma pesquisa realizada como projeto de extensão, de caráter qualitativo com foco na pesquisa ação intitulada “Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões”⁴ realizada pelas pesquisadoras LetíciaBohn e Carla da Silva,

⁴ Ver: BOHN.L.R.D; SILVA.C.C.Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões. **ANPED**. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_3177_texto.pdf.

questionou professores e alunos a respeito dos métodos avaliativos usados na disciplina de artes visuais. Para os professores as questões eram mais voltadas para os critérios de avaliação utilizados, como são definidos, se eles eram ou não discutidos com os alunos, se a avaliação era ou não retomada, quais as medidas tomadas para solucionar as “falhas” dos alunos e quais as maiores dificuldades encontradas pelos professores no processo de avaliação. Já para os alunos as questões eram diferenciadas mais voltadas para a relação deles com os métodos utilizados pelo professor, se esses métodos eram claros entre outras (Ver BOHN e SILVA, 2013). Como resultados as pesquisadoras apresentam que 100% (cem por cento) dos professores responderam que levam em conta, no processo avaliativo, o produto final, tendo como foco nas atividades as releituras: “Releitura, para esses professores se resume a atividade de cópia; leitura centra-se na descrição e contextualização, se limita a apresentar biografias de artista” (BOHN e SILVA, 2013, pag. 6). As pesquisadoras ainda revelam que tanto professores quanto alunos apontam que:

quanto mais próximo a cópia fiel, melhor a nota. Quanto mais os estudantes sabem sobre a biografia dos artistas (em exercícios ou provas), melhores notas terão [...] Sobre os critérios e avaliação, os professores citam como importante: *acabamento, capricho, limpeza, criatividade, participação, comportamento, disciplina, interesse, pontualidade na entrega de trabalhos* [...] (BOHN; SILVA, 2013, pag. 06-07).

Tais resultados nos fazem pensar sobre o trabalho avaliativo de alguns professores. Como podemos medir, como educadores, a quantidade de interesse de um aluno?, como podemos classificar se o aluno X possui mais criatividade que o aluno Y tendo em vista que as atividades que realizamos requerem que o aluno apenas copie obras de artistas famosos?

Sobre essas atividades práticas, é comum que o professor, quando não faz uso de testes e provas, utilize as atividades práticas como instrumento de avaliação da aprendizagem do aluno. Essas atividades, na maioria das vezes se dividem de duas formas. Na primeira temos aqueles professores que propõem trabalhos que devem ser produzidos de acordo com um período da História da Arte ou mesmo de um artista. Nessa proposta, muitas das vezes os professores não permitem que os alunos façam sua própria obra, tendo como referência sua própria vida, seu próprio cenário, ao contrário, se incentiva para que copiem quadros famosos, personagens ou mesmo que usem a mesma palheta de cor, como concepção de releituras. E existem aqueles professores que, no caminho oposto, deixam os seus alunos sem qualquer

tipo de direção, sem auxiliar no processo de criação. A avaliação na perspectiva do *laissez-fair* (Ver: GUIMARÃES; SOUZA, 2011), que é esse caso, parte da não interferência do professor nas atividades produzidas por seus alunos.

A arte, compreendida como produção humana é viva, se modifica assim como nós e por tanto o seu ensino deve acompanhar essa sua característica. O ensino de arte precisa estar ligado aos grandes nomes e movimentos do passado, mas também precisa considerar as produções artísticas contemporâneas, o que daria a possibilidade do ensino não mais ficar restrito a sala de aula, mas de percorrer a sociedade em que o educando vive fazendo com que ele reconheça que as produções urbanas cotidianas também são e devem ser estudadas dentro da sala de aula. Questões essas muito longe da realidade das instituições de ensino. Assim como os conteúdos, a avaliação está presa, na educação tradicional dirigida à economia de mercado, a apenas medir os dados quantificáveis do processo pedagógico dos alunos para uma promoção a um outro nível, quantificar os conteúdos que o aluno consegue memorizar e excluir aqueles que não conseguem acompanhar o professor (HERNANDEZ, 2000).

Como já mencionado anteriormente o acompanhamento do “pensar” do aluno deve ser uma prática constante do professor para com o seu estudante, **quais as ligações entre conteúdo e “vida” eles fazem?, quais as pontes que constroem para que aconteça a compreensão de um determinado conteúdo?**. O uso das avaliações, e aqui coloco em foco as *avaliações somativas*⁵, não permitem que o aluno apresente uma nova visão do conteúdo aprendido. Nessa perspectiva se o aluno respondeu a questão corretamente ou de maneira diversa do apontado dentro de sala de aula, se fez uso de novas palavras, ou estabeleceu novas ligações entre conteúdos, se o estudante contextualizou e em cima disso e respondeu a questão, tudo isso é considerado errado ou incorreto em contextos pedagógicos tradicionalistas e conservadores. É necessário que o professor acompanhe seu estudante, observe o seu processo, passando pelos seus problemas, suas dificuldades chegando a suas conquistas. É esse acompanhamento do professor, esse olhar outro que precisa ser valorizado e compreendido. Ou seja, o caráter interpretativo, por parte do professor, para com as atividades dos estudantes precisa ser retomado dentro de sala de aula.

1.3 A Avaliação Mediadora

⁵ BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea*: Consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

A terminologia “Avaliação Mediadora”, como será usada neste TCC, foi utilizada por Hoffmann pela primeira vez no livro “Avaliação mito& desafio: uma perspectiva construtivista” publicado em 1991 (HOFFMANN, 2007). Anos mais tarde, em posterior publicação a autora apontaria a importância dos escritos de Jean Piaget e Lev Vygotsky para a construção desse conceito, principalmente nos estudos do primeiro a respeito de um tipo de aprendizagem que não visa apenas o “dar informações”, mas o crescimento através das dúvidas e inquietações. A esse respeito Hoffmann(2007) aponta:

A concepção de aprendizagem de Piaget (1977) pressupõe desequilíbrio, conflito. Reflexão e resolução de problemas. Cabe aos adultos mediar a aquisição de ferramentas culturais (linguagem e símbolos) das crianças e jovens que lhes possibilitem refletir sobre as suas experiências, articulando ideias, construindo compreensões cada vez mais ricas acerca da realidade (HOFFMANN, 2007, pag. 21)

A importância do educador e suas interferências na aprendizagem do educando é o alicerce para que se entenda esse conceito avaliativo que se resumiria no acompanhamento da aprendizagem do aluno (HOFFMANN, 2010). Seu foco seria o processo, os caminhos percorridos pelo aluno para chegar em um resultado específico, sendo que o último levaria o educador a uma reflexão para saber se o aluno de fato aprendeu. Caso os resultados sejam adversos ao aprendizado, no sentido de mostrar que o aluno não conseguiu aprender o conteúdo, nesse tipo de avaliação, o professor é levado a pensar em novos meios para que a aprendizagem aconteça. Sobre a Avaliação Mediadora a autora faz o seguinte apontamento ao comparar esse conceito avaliativo com o conceito de Avaliação Classificatória:

Analisar teoricamente as várias manifestações dos alunos em situação de aprendizagem (verbais ou escritas, outras produções), para acompanhar as hipóteses que vem formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminarmente formuladas. Acompanhamento esse que visa ao acesso gradativo do aluno a um saber competente na escola e portanto, sua promoção a outras séries e graus de ensino (HOFFMANN, 2010, pag. 77).

Como ferramenta para esse tipo de avaliação, cujo verbo central seria *acompanhar*, teríamos as tarefas muito mais subjetivas, abertas, que possibilitariam maior expressão por parte dos alunos, maior liberdade de respostas e conseqüentemente permitiriam que o

professor “ouvisse” seus alunos (HOFFMANN, 2010). Tal atividade vai totalmente contra as atividades avaliativas que não levam em consideração o processo de aprendizagem, mas apenas os resultados. Quando o foco está no resultado, não conseguimos ver as dúvidas dos nossos estudantes, não sabemos quais os passos que eles seguiram até chegar a construção do conhecimento. A Avaliação Mediadora é processual, muito mais complexa e requer que o professor observe o processo de aprendizagem dos seus estudantes.

Para Hoffmann (2008) as provas, enquanto instrumento de classificação, devem ser extintas do processo avaliativo, mas isso não quer dizer que o aluno não deva realizar “tarefas parciais”, importantes para o aluno na aprendizagem. Muito pelo contrário é o pensamento da Avaliação Mediadora, como já mencionado ela prevê que sejam realizadas observações do professor perante o seu aluno, e essas observações só se dão através de duas maneiras, a partir de pequenos trabalhos, como provas, testes, pequenas produções artísticas e trabalhos mais longos tais como relatórios, pesquisas mais complexas, trabalhos plásticos mais elaborados como telas para uma exposição na escola, intervenções na instituição escolar até performances para apresentação em outros espaços e, para as séries superiores pequenas monografias (HOFFMANN, 2008). É importante ressaltar que no conceito mediador de avaliação não existem critérios de avaliação como *interesse* e *criatividade* (Ver: HOFFMANN, 2008), já que, tendo em foco esse tipo de avaliação, as atividades acima citadas são apenas “pontos de partida” para se ter respostas inéditas, diferentes, para entender se ele sabe, como sabe e até que ponto sabe (HOFFMANN, 2008).

Ainda de encontro com os conceitos acima citados é necessário esclarecer que ao se falar em acompanhamento individual do aluno a Avaliação Mediadora não prevê um acompanhamento complexo, impossível de ser aplicado em uma sala de aula tradicional que conta, na maioria das vezes com mais de quarenta alunos. Esse acompanhamento se dá, como mencionado acima, através dos trabalhos, das avaliações e testes, do falar e do ouvir, ou seja, do diálogo entre professor e o seu aluno. Sobre o diálogo que se dá com o conceito mediador Hoffmann assim argumenta:

O diálogo compreendido como a leitura curiosa e investigativa do professor das tarefas de aprendizagem, poderá se estabelecer mesmo se o educador trabalhar com muitos alunos, no sentido de permitir-lhe, senão proximidade corpo a corpo com o estudante, o debruçar-se sobre suas ideias e as do grupo para acompanhar seus argumentos e vir a discuti-los ou enriquecê-los (HOFFMANN, 2010, pag,121).

Estar ligado ao acompanhamento do aluno não significa anotarcada resposta que o aluno dá, nem mesmo sentar do lado do aluno para que ele responda um questionário, más sim ouvir o que ele diz, ler o que ele escreve e através disso interpretá-lo, compreende-lo.

1.4. Exemplos do uso da Avaliação Mediadora em sala de aula.

Nos anos de 1991 a 1993 Hoffmann realizou um Projeto de Extensão pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em uma escola estadual de segundo grau. Tal projeto tinha como alvo as disciplinas de exatas, matemática, física, química e biologia já que a autora, após anos de experiências dentro de instituições escolares, sabia que eram essas disciplinas que tinham os maiores índices de reprovação.

Em 1992, ou seja, um ao após a instauração da pratica avaliativa mediadora dentro da escola, os professores fizeram os seguintes apontamentos:

- O processo de transformação se inicia de forma lenta e com muita resistência dos alunos. Uma vez compreendido, o processo alcança bons resultados;
- A proposta exige a reflexão permanente do grupo e ajustes frequentes;
- A cooperação entre os alunos e destes com a professora é um dos resultados alcançados. Os alunos passam a mostrar-se mais interessados em vencer suas dificuldades e a refazer seus trabalhos;
- A não atribuição de notas a tarefas e situações não declaradas de “prova” causam menor pressão e resultados mais favoráveis de aprendizagem;
- O processo provoca naturalmente a revisão do currículo pelos professores e o repensar de sua metodologia;
- Percebe-se com maior clareza a dimensão das dificuldades dos alunos (HOFFMANN, 2010, pag. 133).

Apesar do processo avaliativo mediador ter resultados satisfatórios, segundo Hoffmann, o processo de implementação deste foi acompanhado por uma série de percalços, que segundo a autora são extremamente significativos. Entre os problemas ocorridos vamos

encontrar, devido ao uso do Calendário Rotativo⁶ a mudança dos professores que se interessaram pelo projeto, a saída da supervisora que havia apoiado o mesmo e uma série de movimentos grevistas no estado.

Quanto a reação dos alunos, Hoffmann traz os seguintes relatos:

-Eu achei ótima a maneira de avaliar os alunos em 92 (ano da implantação da avaliação mediadora na escola). Eles são obrigados a aprender e se não conseguirem na primeira vez, têm outras chances, coisa que não ocorre no sistema normal. Talvez, o início, tenha havido uma rejeição do grupo por falta de costumes, mas com o tempo o pessoal se acostuma e vê como é lucrativo. (Clarice)

-Gostei muito do sistema de avaliação que foi aplicado no ano passado. Acho que o sistema foi superbom, porque os alunos aprenderam mais com os testes e com a possibilidade de corrigir os seus erros. (Izabel)

-Eu acho que esse sistema não é bem o certo. Pois quando a professora fazia testes com notas eu ia bem melhor, me esforçava mais. E com este novo sistema eu não estudo e não me recupero. (Letícia)

-Na minha opinião foi ruim, porque cada teste tem que ter o seu valor definitivo. Sem saber quanto vai valer a prova nós não podemos controlar as notas. O único defeito da avaliação foi esse, o resto estava muito bom. (Anônimo) (HOFFMANN, 2010, pag. 135).

A partir dos depoimentos acima, é possível pensar que mesmo admitindo que há uma melhora na própria aprendizagem os alunos ainda sentem restrições com relação as notas, que não são o alvo da Avaliação Mediadora. Segundo Hoffmann (2010) um dos motivos, para além da base da avaliação, seria o fato de que dentro da escola pesquisada havia um número expressivo de professores que não aderiu a Avaliação Mediadora em suas aulas, ou seja, o aluno estava exposto a dois tipos de avaliação, o que poderia causar certa insegurança (HOFFMANN, 2010).

Na conclusão do projeto a autora pode constatar, através de relatos dos docentes participantes da pesquisa, que aqueles professores que aderiram a Avaliação Mediadora não pretendiam retornar a prática tradicional:

⁶ Proposta do então governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares onde se previa a utilização de três calendários escolares durante o ano. Tal medida foi criada para aumentar o uso dos colégios e acabar com as faltas de vagas. Apesar da justificativa para seu uso o Calendário Rotativo não foi bem aceito pela comunidade escolar gaúcha e só durou três anos, de 1991 a 1994.

-Até pode ser que eu deixe de fazer o que estou fazendo hoje e volte a dar notas nos testes. Mas nunca mais vou achar que um aluno que tirou notas 8, 4 e 3, nessa ordem, possa ser considerado igual ao aluno que tirou notas 3,4 e 8. Antes eu dava média 5 para os dois e achava que seu desempenho era igual. Agora é muito diferente! (HOFFMANN, 2010, pag. 135).

Ou seja, apesar de admitir que poderia retornar a aplicação de notas, a professora mostra que a avaliação como algo contínuo, que precisa ser observado é algo importante e merece ser aplicado dentro das instituições escolares.

Em outra publicação intitulada *O Jogo do contrário em avaliação*, Hoffmann relata um estudo de caso onde foram analisados os métodos avaliativos mediadores utilizados pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas (CEFET-RS). Esse centro federal oferece a comunidade de Pelotas o ensino médio técnico e aplica um método avaliativo processual, onde aos professores cabe a constante observação dos seus alunos, a análise de portfólios e reunião entre os professores (HOFFMANN, 2007).

O portfólio é apresentado como uma pasta, de uso individual de cada aluno, onde o mesmo deve arquivar seus trabalhos. Os professores, ao final de cada módulo ou tema, tem acesso ao portfólio dos educandos, onde ele poderá anotar seus questionamentos a respeito dos trabalhos ali anexados. Ao final da análise o professor precisa realizar uma reunião individual com cada aluno para que ele possa apresentar seus questionamentos, suas reflexões. Nessa etapa é fundamental que haja a troca de experiências e impressões, tanto do professor quanto do aluno.

O portfólio tem como intuito fazer com que o aluno se auto avalie e seja capaz de:

- autoquestionamento, redimensionamento da trajetória pessoal e acadêmica;
 - ampliação de informação/conhecimentos;
 - desenvolvimento da sensibilidade ético-científico-profissional.
- (HOFFMANN, 2007, pag. 116)

Além do portfólio, de acordo com Hoffmann, o centro de educação tecnológica utiliza ainda fichas de acompanhamento com foto, diário de bordo, fóruns de discussão e bate-papo, relatórios narrativos e entrevistas (HOFFMANN, 2007, pag. 115-117).

De acordo com relatos de uma das professoras do centro tecnológico, também contidos no referido livro, a avaliação mediadora é capaz de, não apenas levar modificações, para melhor, no trabalho docente como “contamina” aqueles que não tiveram contato anterior com a proposta, além de modificar e melhorar a aprendizagem dos alunos.

Para Hoffmann (2007) a Avaliação Mediadora, apesar de ser uma avaliação inédita, no sentido em que seus pilares ainda não foram conhecidos por muitos educadores pelo mundo, é capaz de dar bons resultados, seria uma prática capaz de superar problemas dados como insuperáveis e assim complementa:

Uma prática mediadora é uma das ações que torna isso possível nas escolas. Transpor a fronteira do que é para transformar em mais e melhor. Agir refletidamente e não automaticamente, mecanicamente, calculadamente. Muito mais do que tudo isso, agir sensivelmente (HOFFMANN, 2007, pag. 120-121).

Ou seja, a avaliação mediadora tornaria o processo avaliativo menos automático, tornando-o mais sensível. Nas aulas de artes plásticas, dentro das escolas, o foco da avaliação não estaria mais na quantidade de informações que o aluno conseguiu decorar, mas deverá compreender o que ele de fato aprendeu, quais relações fizeram para chegar ao conhecimento.

2-CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada em duas instituições escolares, de Ensino Médio da cidade satélite de Samambaia, e uma instituição também de caráter público da cidade de Taguatinga, ambas no Distrito Federal. A escolha das escolas se deu pelo motivo da estudante de graduação e autora desse TCC morar na cidade de Samambaia e também devido a complicações com a coleta de dados, o que pediu para que outra instituição fosse escolhida. Para a pesquisa foram entrevistados quatro professores de arte visuais das escolas pesquisadas.

Em um primeiro momento foram contatadas as duas escolas de Samambaia assim como a visita em ambas. A visita as duas escolas duraram um mês sendo que nas duas primeiras semanas não foi conseguido nenhuma entrevista. Para que o percurso da coleta de dados possa ser compreendido denominarei as escolas de Samambaia de “A” e “B” respectivamente e a instituição de Taguatinga de “C”.

Na instituição “A” fui informado que só poderia realizar a pesquisa se a coordenadora da instituição fosse informada, acontece que durante as duas semanas ela não estava presente na escola. Depois de muito tentar fui informada de que a escola contava com duas professoras de artes plásticas, uma delas me disponibilizou o e mail e foi através dele que a entrevista foi realizada. É importante salientar que o desejo para que a entrevista se desse no âmbito virtual foi da própria professora.

Na escola “B” consegui conversar com as duas professoras de artes da escola. Uma delas também se sentia mais à vontade se a entrevista fosse realizada via e mail. Os e mails foram trocados, mas a professora não retornou com o questionário respondido. Retornei à escola mais de uma vez para conversar com a professora, que sempre dizia que ia enviar o questionário, o que não aconteceu. Devido a isso tive que recorrer a outras instituições para que a pesquisa pudesse ser realizada. A segunda professora foi muito mais receptiva e conversando com ela descobri que a metodologia de avaliação utilizada pela professora era justamente a Avaliação Mediadora, de Hoffmann, uma verdadeira surpresa. Tal professora disponibilizou seu plano de aula, explicou como ela havia implantado a Avaliação Mediadora dentro de sala de aula, além de permitir que fosse observar uma das suas aulas.

Apesar de ter encontrado uma professora de artes que aplicasse a Avaliação Mediadora dentro de sala de aula eu só havia conseguido duas entrevistas, o que não era suficiente para que a pesquisa pudesse ser realizada. Em razão dessa situação procurei outras instituições e pedir para que os professores respondessem o questionário.

Outro fator que chamou a minha atenção é o fato de que na cidade de Samambaia existem um número muito grande de escolas de ensino fundamental e apenas duas escolas de ensino médio. Aparentemente apenas essas duas instituições são suficientes para cumprir a demanda de alunos que saem do ensino fundamental para o ensino médio. De acordo com dados divulgados pela Companhia de Planejamento (Codeplan) referentes a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (Pdad) de 2010, Samambaia possuía cerca de 193.485 mil habitantes, destes 34 por cento da população se dizia estudante, como poderiam apenas duas escolas de ensino médio serem suficientes para toda essa população?

A reprovação parece ser junto com a evasão, segundo os pesquisadores, um dos motivos para essa redução de escolas de ensino médio nessas regiões (Luckesi, 2011). De acordo com Luckesi (2011) das 1.000 crianças que entram nas primeiras séries do nível fundamental 560 não são aprovados e a avaliação é uma das grandes responsáveis por esses altos índices de reprovação. Segundo o autor a primeira atitude que deve ser tomada para que essa situação seja superada é a transformação da avaliação, de classificatória para diagnóstica, assim, as aulas estariam centradas muito mais no que o aluno aprendeu do que nas informações que ele consegue decorar (LUCKESI, 2011). A avaliação precisa ser entendida como processo, ela precisa deixar de ser o “fim”, o “objetivo” para ser compreendida como algo que está contida em todas as fases da aprendizagem. Quando os professores entenderem que avaliar está muito mais ligado ao acompanhamento do que a classificação só então os alunos serão avaliados de maneira justa e completa.

Seria então, graças a reprovações constantes, que poucos alunos conseguem chegar até o ensino médio? Isso explicaria o porquê de as escolas de ensino fundamental serem em maior quantidade do que as primeiras?

Para a realização do TCC em Licenciatura foi escolhida como metodologia a abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa leva em consideração, nas suas diferentes fases, a pluralidade das situações pesquisadas e a diversidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa:

“Em vez de partir de teorias e testa-las, são necessários “conceitos sensibilizantes” para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados” (FLICK, 2009, pag.21).

Além da adequação dos métodos às “situações alvo”, a pesquisa qualitativa possui um leque de possibilidades para que haja o reconhecimento e a análise dos dados, ou seja, desde o processo de coleta até análise, a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador uma grande variedade de possibilidades, o que vai de encontro com a ideia de subjetividade do próprio sujeito e das situações que o envolvem. Por ter essa característica em particular, o “fazer” e o “pesquisar” em pesquisa qualitativa podem ser encarados como uma sequência de decisões que partem do pesquisador, que tipo de entrevista fazer, como aplicar o questionário, como analisar os dados entre outras (FLICK, 2009). No que diz respeito a relação entre pesquisador e pesquisado, a pesquisa qualitativa prevê a interação entre ambos como ponto importante para o andamento da mesma (FLICK, 2009).

De acordo com Flick (2009) uma das etapas que merecem mais atenção nesse tipo de pesquisa é a formulação das questões para as entrevistas. De acordo com o autor, é nessa etapa que se encontra o momento decisivo para o sucesso ou o fracasso da mesma, por isso, segundo o autor elas devem ser formuladas o mais cedo possível, para que possam ir sendo complementadas ou resumidas de acordo com o andamento da pesquisa.

Foram utilizadas as formas de entrevista estruturada e semiestruturada. A abordagem semiestruturada foi desenvolvida por Brigitte Scheele e Norbert Groember nas décadas de 1980 até 1990 para que pudessem realizar estudos mais subjetivos em escolas e outros locais de trabalho (FLICK, 2009). Nesse tipo de entrevista o entrevistador não se prende apenas nas questões previamente elaboradas por ele, muito pelo contrário, essas perguntas são apenas “pontos de partida” para que outras sejam feitas e respondidas, acrescentando mais informações a pesquisa.

Segundo Flick (2009) para que esse tipo de entrevista seja bem realizada é necessário que o entrevistador possua um grande conjunto de informações e conteúdos a respeito do tema da pesquisa pois é a partir do que ele sabe, em conjunto com as questões previamente elaboradas que a entrevista vai se construindo:

Durante as entrevistas, reconstroem-se os conteúdos da teoria subjetiva. O guia de entrevista menciona diversas áreas de tópicos, sendo cada uma delas introduzidas por uma questão aberta e concluída por uma questão confrontativa [...] As questões *abertas* (“O que você acha e por que as

“pessoas, em geral, estão dispostas a confiar umas nas outras? ”) Podem ser respondidas com base no conhecimento que o entrevistado possui imediatamente à mão (FLICK, 2009, pag. 149).

Além dessas são realizadas questões que possam ser respondidas se fazendo uso apenas da teoria e direcionadas para a hipótese do projeto, seguidas das *questões confrontativas*, onde se discutem conceitos específicos, teóricos (FLICK, 2009).

Já a entrevista estruturada foi realizada via e-mail, como já mencionado, devido a escolha de alguns professores entrevistados. Diferentemente da entrevista semiestruturada, onde o entrevistador usa as questões do questionário apenas como “ponto de partida” para que outras perguntas possam ser realizadas, a entrevista estruturada é fechada em si mesma, ou seja, nas questões apresentadas no questionário. Quanto ao uso do e-mail, para Flick (2009) as entrevistas que são realizadas via e-mail precisam continuar tendo a liberdade de questionamento das respostas, ou seja, segundo ele, a entrevista via e-mail seria uma constante troca de e-mails para que se consiga chegar em um bom resultado para o projeto.

As questões levantadas nas entrevistas visam conhecer quais os fundamentos e práticas de avaliação com que esses professores trabalham, se poderiam considerar os fundamentos que constituem a Avaliação Mediadora e que dificuldades encontrariam em tentar aplicá-las. Esses dados são importantes para identificar as possibilidades reais de sua relevância na sala de aula e para sua comparação com o estudo de caso da professora que já faz uso da Avaliação Mediadora dentro de sala de aula. Analisando as respostas da professora que faz uso dessa avaliação com as questões respondidas pelos demais professores que fazem uso de avaliações diversas é possível compreender como essa avaliação contribui que o professor pense o aluno de maneira mais completa, mais próxima à uma educação contemporânea.

3. DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO EM ARTES VISUAIS.

Quando falamos da avaliação dentro da instituição escolar temos que ter em mente a responsabilidade que ela requer por parte dos educadores. Quando especificamos a avaliação realizada dentro da disciplina de artes visuais temos que perceber que ela também requer uma série de cuidados, principalmente quando falamos das atividades práticas, já que as mesmas também refletem a cultura e o pensar do aluno. De acordo com Mourão (2006):

Dar nota ao desenho de um aluno que tem medo de desenhar é delicado. Com que critérios o professor faria isso? Uma nota inesperada pode criar ou aumentar seu bloqueio expressivo para o resto da sua vida. Então como proceder? Não seria melhor ter sensibilidade e observar os progressos do aluno, dar um voto de confiança às suas potencialidades, criar propostas que o levem a aprender a desenhar confiando em si mesmo? [...] Aprender deve ser responsabilidade compartilhada por alunos e professores [...] (MOURÃO, 2006, PAG. 79-80).

Diante de tamanha responsabilidade é necessário que o professor tenha em mente qual o seu entendimento a respeito da avaliação. Esse foi o primeiro ponto levantado no questionário aplicado para os professores, que aceitaram participar da pesquisa que nortearia o presente TCC. Quais os conceitos considerados por esses profissionais? De que maneira eles compreendem a avaliação e qual o grau de importância que ela recebe nas aulas ministradas por eles?

De maneira que os dados sejam claros e as identidades protegidas cada um dos quatro professores que participaram da pesquisa serão denominados por letras, sendo que as letras A e B serão dados aos professores que responderam aos questionários e C e D aos que participaram da entrevista semiestruturada. Desta forma, três, dos quatro profissionais que responderam ao questionário, a saber, as letras B, C e D conceituaram a avaliação como uma ferramenta para classificação dos alunos, instrumento de medição de resultados e de objetivos alcançados ou não dentro de sala de aula. O professor C afirmou inclusive, que para ele a avaliação era sinônimo de prova. Diferentemente dos professores citados a cima, a professora “A”, que já realiza um trabalho dentro de sala de aula cuja base teórica é a Avaliação Mediadora de Hoffmann, conceitua a avaliação de maneira diversa dos outros professores.

Para ela, a avaliação é: “Uma prática no sistema de ensino que deve ser instituída de forma não excludente, mas em busca de novos sentidos no ensino-aprendizagem”, ou seja, a avaliação não é entendida como uma etapa isolada, nem mesmo como uma ferramenta, capaz

de separar os alunos entre aqueles que “sabem” e aqueles que “não sabem”, não serve como balança, para “medir” os conteúdos dados e se de fato foram aprendidos, muito pelo contrário, é entendida como algo fluido, que “escorre” em todo o processo de ensino-aprendizado e que é presente em todo ele, não exclui, não separa os alunos, muito pelo contrário agrega, não somente os alunos como também estes com seus professores.

Para Hoffmann (2010) avaliar é observar os alunos, compreender o raciocínio que este apresenta até chegar ao final do caminho para solução de um problema, assim, a avaliação não poderia estar presa a apenas uma avaliação esporádica, ao final do semestre. Além disso, uma prova, quando trabalhada com o intuito apenas de “dar uma nota” e não com a ideia de se compreender o que o aluno sabe para trabalhar em cima dos resultados dessa investigação, está na verdade seguindo a ideia de que o erro não deve ser tolerado pois quando este erra está cometendo uma atrocidade e como tal deve ser punido, por isso a nota e todas as consequências se as mesmas não forem satisfatórias. Tal pensamento é contrário à proposta mediadora, nela o erro é visto como algo que precisa ser valorizado (Hoffmann, 2010).

Quando a professora “A” coloca que a avaliação precisa ser entendida como aquilo que fará com que o professor busque novas propostas, novos sentidos, ela está deixando transparecer o argumento de Hoffmann. Para a autora o significado intrínseco da Avaliação Mediadora é observar o aluno, sabendo que dessa maneira ele poderá propor novas atividades para que ele possa aprender (Hoffmann, 2010). Outro fator importante para se compreender a avaliação é entender qual a importância delegada pelos professores à mesma.

O peso da avaliação, está muito relacionado, de acordo com os dados colhidos, a importância que ela tem enquanto finalidade do processo, enquanto aquela que “dá a nota” e “encerra” o processo de ensino aprendizagem. Compreendida como última etapa, alguns professores só demonstram estar preocupados com ela quando precisam elaborar provas. É essa informação que está impregnado no discurso do professor “C”, responsável pela confusão entre avaliação e prova, fato já mencionado anteriormente. É importante frisar que esse professor não foi o único a apresentar essa confusão que também está presente na resposta do professor “B”.

Quando questionado, na primeira pergunta, a respeito do conceito de avaliação o professor “B” respondeu claramente que a compreendia como verificação e na segunda questão respondeu que a avaliação era importante para o processo avaliativo. Aqui a confusão

é clara. O professor admite que a avaliação deve estar presente em todo o ensino-aprendizagem mas aplica uma avaliação que se restringe apenas ao final do processo.

Em contraponto a isso, a professora que trabalha com a avaliação mediadora respondeu que: “Em minha visão a importância maior é buscar a percepção da heterogeneidade entre os alunos para tomada democrática de decisões que favoreçam a construção do conhecimento e a inclusão multicultural”. Ou seja, ela compreende a avaliação como algo importante para o acompanhamento dos alunos, como algo que deve ser usado para descobrir como os alunos aprendem, quais as diferenças de aprendizado entre eles e para além incluir essas diferenças dentro da sala de aula, não tentando padronizar, mas trabalhar com elas.

Além dessas confusões, outro fator que contribui para esses equívocos é o fato da avaliação ser, muitas vezes, confundida com as ferramentas avaliativas, cito mais uma vez o exemplo do professor “C”. Sobre isso, entendemos que seria necessário compreender quais as ferramentas utilizadas pelos educadores para que a avaliação acontecesse. Em todas as respostas estavam presentes tentativas de diversificação da avaliação como aplicação da ideia de portfólio, análises de imagens, atividades em grupo e as provas, sendo que a última foi colocada na fala dos professores “C” e “D”, como exigência da própria escola. Esse fato precisa ser compreendido, porque, para muitos a prova é vista como ferramenta importante para a avaliação? Porque muitas pessoas que fazem parte da comunidade escolar compreendem a prova como aquela que pode atestar com cem por cento de certeza que o aluno aprendeu ou não algo?

De acordo com Luckesi (2011) essa atenção exagerada de toda a comunidade escolar nas provas e conseqüentemente nas notas gera conseqüências na própria relação entre educandos e educadores. Segundo ele, esse foco centrado na nota faz com que os professores comecem a elaborar provas com o intuito claro de reprovar, além da velha ideia de pontos extras e pontos retirados em detrimento do cumprimento ou não de uma atividade e o mais grave, a utilização das notas como ameaças pois, nessa situação, notas baixas geram rendimentos que classificam os alunos como alunos desinteressados, ruins e que merecem ser punidos.

Aqui é importante salientar que na Avaliação Mediadora as provas são sim bem-vindas assim como pequenos testes, afinal são elas as ferramentas que possibilitam ao

professor ter o contato com o que os alunos aprenderam, o que podem vir a aprender e como aprendem, o que não é bem-vindo nessa proposta é a ideia de que as provas encerram o trabalho do professor, muito pelo contrário, são os primeiros caminhos, o material que possibilita ao professor realizar o seu trabalho verdadeiramente. Assim, o professor deve aplicar provas, mas não como última etapa de seu trabalho, mas como o primeiro passo para o mesmo.

De acordo ainda com Luckesi (2011) o ideal seria que de fato as notas fossem abolidas do nosso sistema de ensino que se basearia apenas nos conhecimentos aprendidos pelos alunos, focando nas habilidades que esse adquiriu. Infelizmente a própria legislação educacional hoje em vigor determina o uso de notas como aquelas que deixam transparecer o que foi aprendido ou não, ou seja, não há ainda uma fórmula para que as notas sejam extintas do meio educacional (Luckesi, 2011)

Outro fator que influencia o uso das provas como única ferramenta importante no trabalho docente é o foco dado a muitas instituições de ensino médio aos exames de seleção para o ensino superior, os famosos vestibulares, que acabam colocando em vigor o que Luckesi (2011) chama de “pedagogia do exame”:

O mais visível e explícito exemplo dessa pedagogia está na prática de ensino do terceiro ano do 2º grau, em que todas as atividades docentes e discentes estão voltadas para um treinamento de “resolver provas”, tendo em vista a preparação para o vestibular, como porta (socialmente apertada) de entrada para a universidade. Nessa série de escolaridade, o ensino centra-se no exercício de resolver provas a partir de determinados conteúdos que concernem à seleção no vestibular. [...] O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizado (LUCKESI, 2011, pag. 35-6)

Contrariamente a esse tipo de avaliação Hoffmann (2010) prevê que o trabalho com a Avaliação Mediadora requer que o professor diversifique suas ferramentas avaliativas, insira dentro do trabalho pedagógico trabalhos diversos já que o trabalho com esse tipo de avaliação está embebido em possibilidades diversas. Nas palavras de Hoffmann: “[...] um constante “vir a ser”, sem limites preestabelecidos, embora com objetivos claramente delineados, desencadeadores da ação educativa (HOFFMANN, 2010, pag. 29)”.

Ter em mente a importância de se diversificar as ferramentas avaliativas anda em conjunto com a ideia de se levar em consideração que as pessoas não aprendem da mesma

maneira, então, porque propor situações de aprendizagem iguais, com as mesmas ferramentas? (Mourão, 2006).

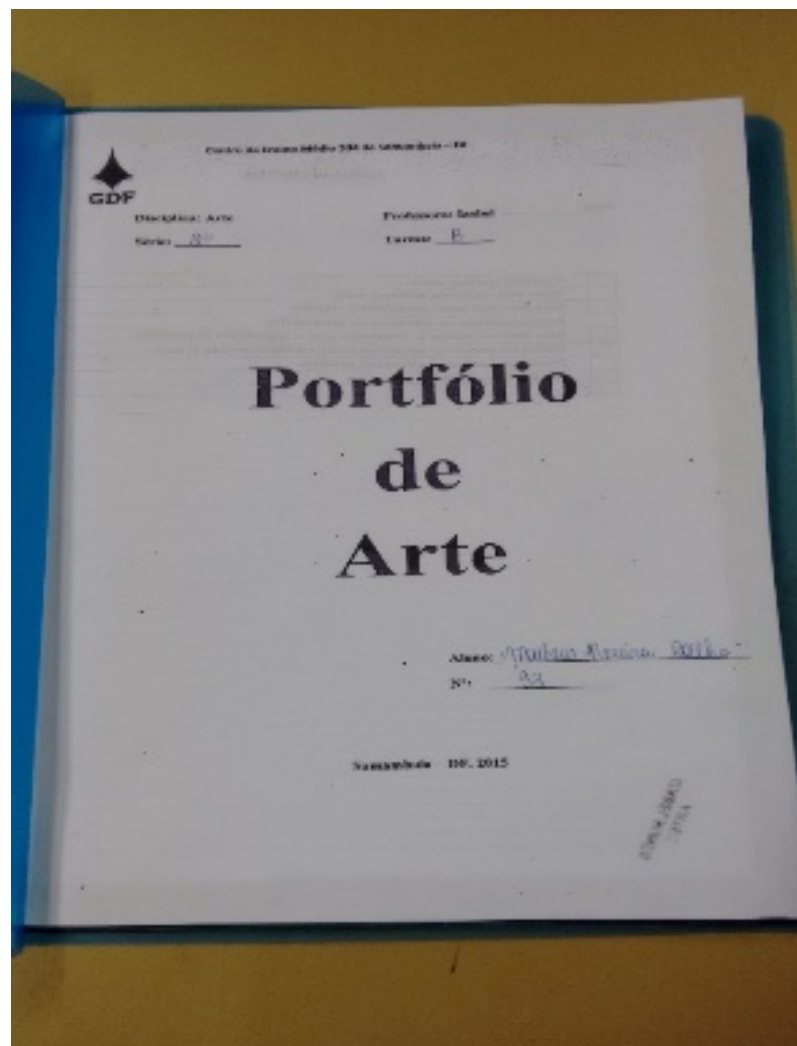
A resposta do professor “A” demonstrou como é importante essa diversidade de ferramentas. Em suas aulas ela expõe seus alunos a criação de portfólio com atividades práticas e escritas, roda de conversas, trabalhos coletivos escritos e/ou práticos, seminários, autoavaliação e tudo isso sem abandonar as provas escritas e/ou orais. O último ponto é importante e a própria Hoffmann (2008) esclarece que sua proposta de avaliação não invalida o uso de provas ou mesmo de todas essas ferramentas, que são inclusive válidas e importantes, muito pelo contrário, tais atividades precisam estar presentes dentro de sala de aula em conjunto com atividades parciais que são nada mais do que a observação constante do professor em relação aos seus alunos.

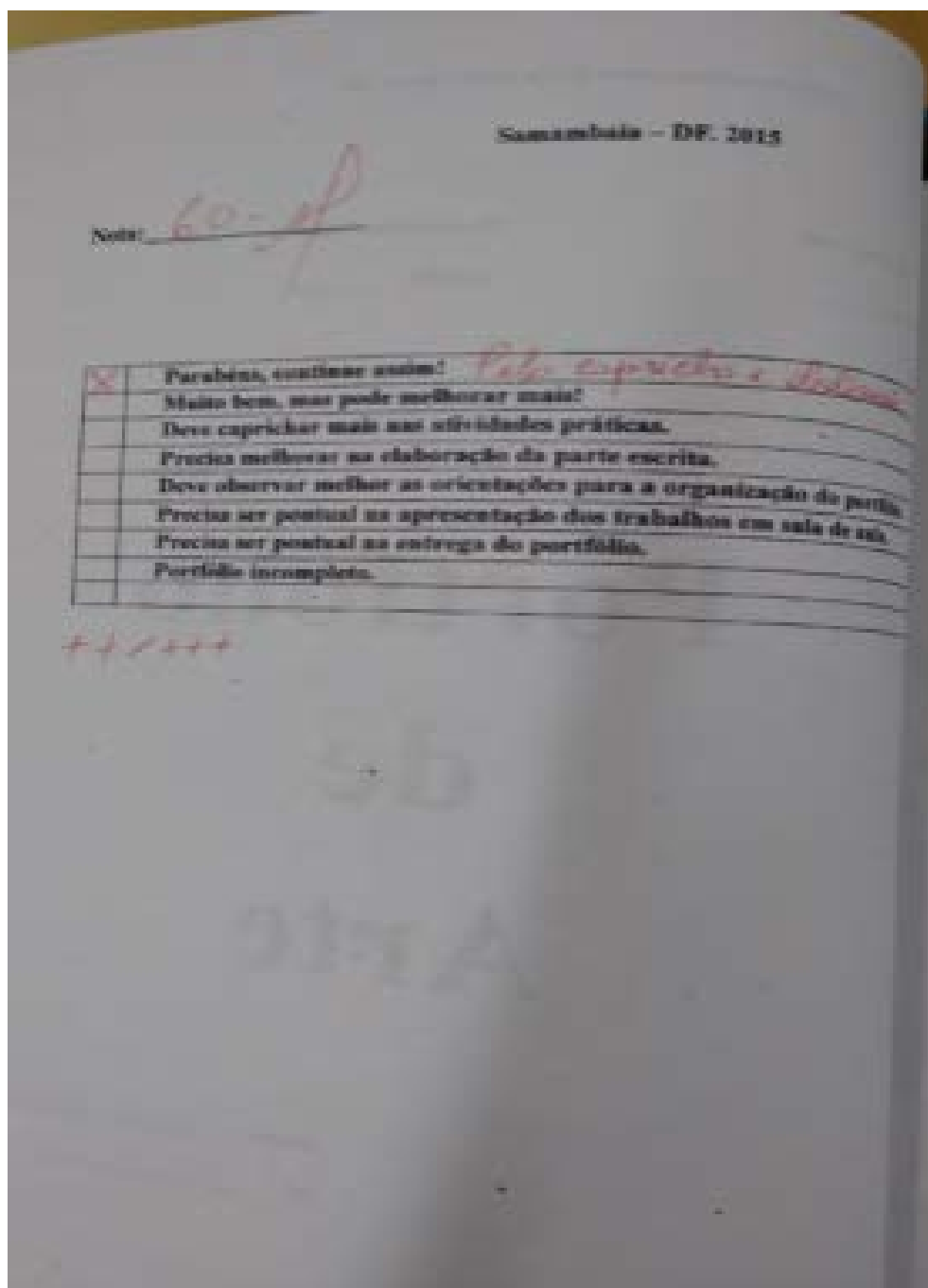
O professor em questão permitiu que uma de suas aulas fossem observadas. Nesse dia ele decidiu explicar como trabalhava com o portfólio dentro de sala de aula. Nesse contexto após o diálogo foi possível perceber que ele trabalha esse conceito de maneira completa, entendendo o portfólio como um conjunto de atividades elaborados a partir do trabalho em conjunto entre alunos e professores, analisado e discutido durante um longo período em que cada um vai acrescentando o mesmo de significados⁷. Nesse trabalho o professor explicou que a atividade era proposta com um grande período de antecedência, em que aos alunos era entregue a folha que deveria ser a capa do trabalho (folha em anexo) onde, em seu verso, a professora deixava claro quais os critérios avaliativos utilizados.

⁷ Para mais informações ver o seguinte Trabalho de Conclusão de Curso: JORDÃO, Lorrainy. REFLEXÕES SOBRE O PORTFÓLIO: OS PROCESSOS AVALIATIVOS EM ARTES VISUAIS, UnB, Brasília, 2013.



Participante 1. Trabalho presente em um dos portfólios, 20 de maio 2015





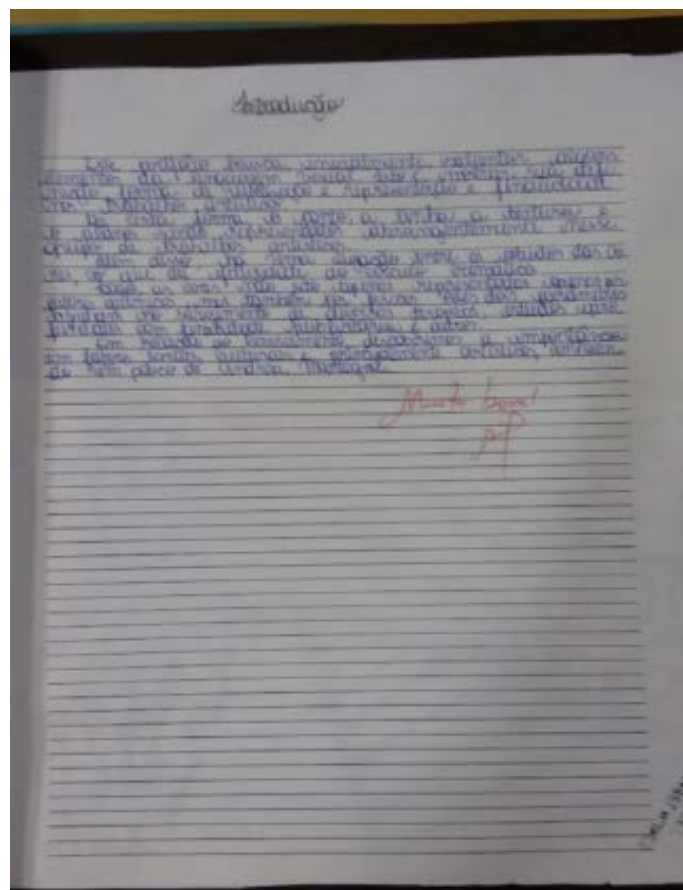
Participante 2. Capa e contracapa do portfólio, 20 de maio de 2015

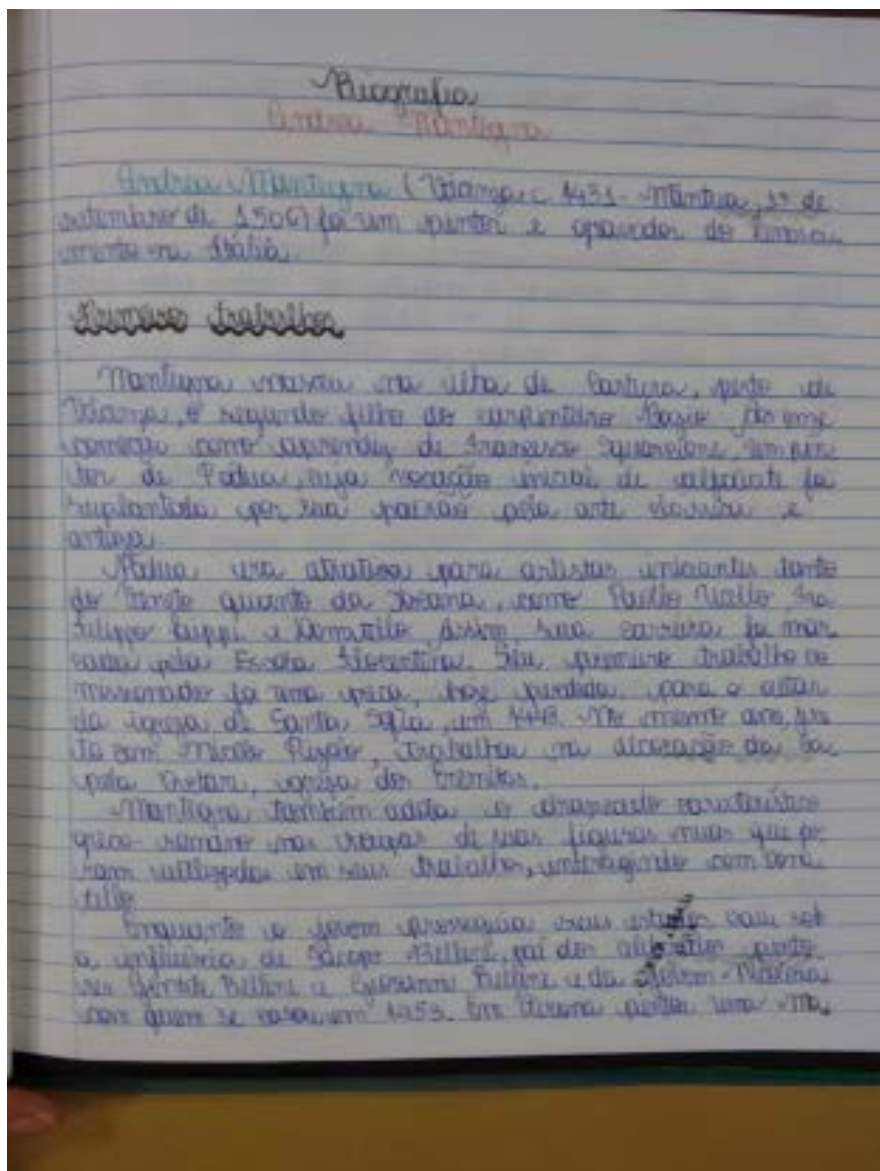
No decorrer do período, aos alunos eram propostas atividades práticas e escritas (para o professor, os alunos precisavam aprender, além de produzir obras práticas também saber escrever sobre elas, suas referências, ou seja, os alunos precisavam aprender a escrever) que deveriam constar do portfólio, tais atividades eram constantemente monitoradas pelo professor que apontava falhas, pontos positivos, questionava os alunos quanto a maneira como fizeram, em que estavam se baseado, quais as referências e quais eram as críticas que estavam colocando em seus trabalhos. Depois do período de produção do portfólio o professor

recolhia os trabalhos e pontuava os mesmos, elogiando os pontos fortes dos trabalhos de cada um e analisando os pontos que poderiam ser mais trabalhados.



Participante 2, produção artística presente no portfólio, 20 de maio de 2015





Participante 2. Textos presentes no portfólio. 20 de maio de 2015

É importante frisar que na perspectiva mediadora os critérios devem ser compreendidos também como processo, e para além disso não devem ser confundidos com elementos formais nem devem ser motivos de preocupação para o professor, no sentido de serem muito precisos principalmente porque nessa visão o instrumento de avaliação significa apenas a “ponta” do iceberg, avalia-se para saber como ele está fazendo para chegar em um determinado conhecimento não para saber se ele sabe o conteúdo. Outro fator importante é que não se pode usar como critério avaliativo, na proposta mediadora, elementos formais como número de páginas, a folha que deve ser usada, entre outras coisas. Esse cuidado pode ser observado na folha que o professor disponibiliza (em anexo) nela estão escritas algumas observações que são complementadas manualmente em formato de recados escritos pelo

professor. Em conversa mencionou que, por se tratar de um trabalho artístico, as questões estéticas são observadas, mas não refletem em cem por cento da nota. É claro que aqui ele já mostra a adaptação que precisou fazer para que essa metodologia pudesse ser aplicada nas artes visuais.

Esse caráter “moldável” é ainda apresentado na resposta do mesmo professor quando questionado sobre quais as relações que fazia entre a avaliação e as competências e habilidades. Segundo ele: “No processo de aprendizagem as competências e habilidades seriam os objetivos a serem atingidos e a avaliação seria um mecanismo ou ferramenta que faz parte desse processo e dá margem para análise não só da aprendizagem, mas do ensino inclusive”.



Participante 2. Trabalho presente em um dos portfólios. 20 de maio de 2015

Todas as questões acima demonstram que a avaliação não é algo simples e aplicável de maneira equânime a todas as escolas e a todos os alunos. Seria por isso que, de acordo com Tourinho (2010) a avaliação é vista como geradora de desconforto para alguns professores? Segundo a pesquisadora:

O tema avaliação é bastante inquietante e muitos professores temem confronta-lo porque ele se apresenta, muitas vezes, como o lado espinhoso e vulnerável do nosso trabalho. Entretanto, planejar e avaliar são condições presentes em qualquer ação humana, mesmo que não pensemos, conscientemente, que isso está sendo feito (TOURINHO, 2010, pag, 2094).

Sabendo desse desconforto foi questionado aos professores quais as principais dificuldades encontradas por eles ao avaliar em artes visuais. As respostas foram muitas e variadas. Foram apontadas questões como o desinteresse dos alunos, que reflete na elaboração e resposta das provas, de acordo com o professor “C”, por mais que ele se esforçasse em elaborar boas questões na avaliação os alunos não encaravam a mesma de maneira séria, o que vinha como um caráter desmotivador, ligado a isso a própria desvalorização da disciplina também apareceu como algo que trazia desconforto para o professor e isso refletiria no trabalho e conseqüentemente na avaliação. Mas, o motivo que mais incomodava os professores eram as interferências da instituição escolar dentro da sala de aula.

Dois professores, “A” e “D”, apontaram que, mesmo querendo realizar atividades diversificadas de avaliação as escolas impunham a importância das provas e conseqüentemente do regime de notas dentro da disciplina. Assim, retomamos o que Luckesi (2011) chamou de “pedagogia do exame” e todas as conseqüências por ela implicadas, a interferência chega ao ponto de que um dos professores explicou que na instituição em que ele ministrava suas aulas a direção havia pedido que os professores trabalhassem a avaliação apenas no formato de provas.

Sobre isso é importante pensar, na importância de um trabalho de conscientização a respeito do tema e da importância que ele alcance não somente os professores, mas também toda a comunidade escolar, coordenadores, diretores, alunos e pais, além de alcançar, a longo prazo também os políticos responsáveis pela legislação escolar.

Questionados sobre a Avaliação Mediadora e a possibilidade de sua aplicação dentro de sala de aula dois dos quatro professores, a saber os números “C” e “D”, apresentaram interesse na mesma, mas alegaram que não conseguiriam aplicá-la devido ao excesso de alunos que estavam matriculados dentro de uma mesma sala de aula. Aqui vale uma explicação. Quando, no conceito de avaliação mediadora Hoffmann (2010) apresenta como pilar dessa avaliação a observação minuciosa do professor para com seus alunos, muitos professores interpretam isso como um acompanhamento individualizado, em que o professor se senta ao lado do aluno e o observa em cada ação dentro da sala de aula. Encarada dessa maneira seria de fato impossível aplicá-la dentro da rede pública do Distrito Federal, tendo em vista que a realidade desse sistema abarca salas de aula com mais de quarenta alunos. É nesse sentido que esses dois professores encararam a Avaliação Mediadora como sendo impossível

de ser aplicada, quando na verdade essa observação se dá a partir dos trabalhos realizados dentro de sala de aula:

A avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento. O que exige uma relação direta com ele a partir de muitas tarefas (orais e escritas), interpretando-as (um respeito a tal subjetividade), refletindo e investigando teoricamente razões para soluções apresentadas, em termo de estágios evolutivos do pensamento, da área de conhecimento em questão, das experiências de vida dos alunos (HOFFMANN, 2010, pag. 62)

Assim, a individualidade do aluno é encarada nesse tipo de proposta como algo que merece destaque, assim, foi questionado na entrevista informal com o professor “A” aplicava a avaliação mediadora dentro de sala de aula qual a reação dos alunos frente a esse método. De acordo com o professor os alunos o achavam extremamente rígido sendo que alguns chegaram até mesmo a reclamar dele na coordenação da escola. Aqui vale uma ressalva. Esse professor lecionava para os alunos de segundo ano, sendo que, ao ir até a escola para questionar da possibilidade de algum professor de artes se disponibilizar a responder o questionário, tivemos contato com a professora do primeiro ano, que em conversa informal expressou, de maneira clara que não avaliava em sua aula. Segundo a professora: “A arte era o perfume do mundo, não deveria ser encarada como disciplina, seus alunos já entravam em suas aulas com nota máximas”. Essa ideia de que os conhecimentos da arte não podem ser avaliados está intimamente ligado a visão do ensino da arte como livre expressão (Osinski, 2002) ou seja, leva as pessoas a acreditarem que a arte não possui conhecimentos que podem ser valorizados para a vida cotidiana. Hernandez (2000) propõe uma série de hipóteses e razões para se avaliar em arte promovendo assim uma reflexão sobre o mito de que não se avalia em arte. É importante frisar que essa resistência dos alunos também foi diagnosticada pela própria Hoffmann (2010) quando ao relatar um trabalho realizado no ensino médio em 1992 alguns alunos relataram descontentamento principalmente com relação as notas.

As práticas do professor “A” apontam mudanças na concepção de avaliação que considera a mesma como processo, presente em todas as etapas do ensino e da aprendizagem, prevê que para além de apenas dar notas a avaliação serve como uma “lupa” onde se pode enxergar os alunos, suas dificuldades, suas facilidades, o que pensa e como pensa, o que aprende e como aprende. Esse tipo de avaliação em destaque, aplicada pelo professor “A” ajuda o professor a acompanhar os seus alunos aponta os caminhos para que ele como

educador possa planejar maneiras mais eficientes não baseado em melhores notas, mas no crescimento do aluno, na aprendizagem dele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados coletados é possível concluir que existem desafios quando falamos em avaliação em arte visuais, principalmente quanto a maneira como ela é trabalhada, muitas vezes e isso foi constatado, alguns professores não sabem ao certo como avaliar, quais critérios usar, enfim, mas o maior problema talvez esteja em um âmbito maior, no conceito de avaliação imposto pelas próprias instituições escolares.

Apesar de possuírem novas ideias alguns professores se encontram pressionados pela própria comunidade escolar a permanecer nos mesmos moldes avaliativos onde a prova é vista como ferramenta adequada para se avaliar e fazer com que o aluno aprenda. Nesse sentido cabe não só ao educador mais a todos os responsáveis e atuantes pela educação enxergarem a avaliação como algo importante, intrínseco a todo o processo de ensino aprendizagem e que não se restringe a notas.

Nesse sentido o trabalho com a Avaliação Mediadora pode ajudar a esclarecer, em um primeiro momento os alunos e em um âmbito maior a comunidade escolar. Ao colocar o professor como observador de seu aluno, procurando entender todo o caminho percorrido por ele até a chegada do conhecimento o próprio professor faz com que o aluno perceba que não são as notas que refletem o seu aprendizado, mas o trabalho realizado. Quando estive dentro da sala de aula da professora “A” pude notar que a relação dela com os alunos e a evolução dos trabalhos dos mesmos são visíveis e traduzem, a médio prazo, o que é trabalhar com a Avaliação Mediadora.

Assim, pode se concluir, a partir desse trabalho que essa proposta de avaliação é sim aplicável ao ensino das artes visuais podendo vir a contribuir, em um futuro próximo, para um trabalho não mais centrado em notas, mas nas potencialidades dos educandos.

5.REFERENCIAS

BACKES, Dorimar Dal Bosco. **Avaliação do processo de ensino aprendizagem**: conceitos e concepções. [S.l.: S.n., S.d.].

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.

——— **Arte/Educação contemporânea**: Consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BLOOM, Benjamim Samuel; HASTINGS, John Thomaz; MADDAUS, George F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sócias, 1975.

BOUGHTON, Doug. Avaliação: Da Teoria à prática. In BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2006.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, RS: Ed. Artes Médicas Sul, 2000.

HOFFMANN, Jussara Maria Learch. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: mediação, 2010.

——— **Avaliar para promover: As setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

——— **O Jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURÃO, Luciana; LAVENLBERG, Rosa. **Ensino de Arte - Col. Ideias em Ação**. São Paulo: Editora: Thomson Learning, 2006.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2002.

Documentos digitais:

BOHN. L. R. D; SILVA. C. C. Processos de avaliação em arte no ensino básico: provocações, inquietudes e reflexões. **ANPED**. Disponível

em:http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_3177_texto.pdf. Acesso em: 06 de jul.2014

GUIMARÃES. A. L. B; SOUZA. N. A. A avaliação da aprendizagem em arte: sendas percorridas. **Estudos em avaliação educacional / Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, v.

22, n. 49, p. 305-326, maio/ago. 2011. Disponível em:.

<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1639/1639.pdf>. Acesso em: 08 de jul.2014.

TOURINHO, Irene. “Retomando um tema delicado: avaliação e ensino de arte”. **Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”**. Cachoeira – Bahia – Brasil. 20 a 25/09/2010.

ANEXO I:

Segue abaixo o questionário aplicado aos professores colaboradores das duas escolas pesquisadas assim como a transcrição das quatro entrevistas realizadas. A título de esclarecimento é bom lembrar que as duas últimas entrevistas foram realizadas com apenas quatro perguntas devido à resistência dos professores de responderem ao questionário, esse fato foi descrito do capítulo que trata sobre metodologia.

QUESTIONÁRIO:

01-O que o (a) senhor (a) entende por avaliação?

02-Na sua visão, qual a importância e/ou sentido da avaliação para o processo de ensino aprendizagem nas artes visuais?

03- Que ferramentas avaliativas usa?

04- De maneira geral, seja teoria ou prática, quais os critérios que o (a) senhor (a) utiliza dentro de sala de aula?

05-Como o (a) senhor (a) relaciona o processo de avaliação com as competências e habilidades da área para o ciclo escolar que leciona?

06-Quais as principais dificuldades apresentadas no processo de avaliação em artes visuais que o (a) senhor (a) identifica?

07-Depois de ler sobre Avaliação Mediadora no tríptico anexo a este questionário, o (a) senhor (a) acredita que ela possa auxiliar nos problemas de avaliação nas artes visuais? Por que?

08-Na sua visão, qual é o intuito de avaliar o aluno na aula de arte?

09-A partir da leitura sobre Avaliação Mediadora no tríptico anexo a este questionário surgiu alguma nova ideia, possibilidade de avaliação? Quais são elas?

ENTREVISTA I/ PROFESSOR “A”

01-O que o (a) senhor (a) entende por avaliação?

Uma prática no sistema de ensino que deve ser instituída de forma não excludente, mas em busca de novos sentidos no ensino-aprendizagem.

02-Na sua visão, qual a importância e/ou sentido da avaliação para o processo de ensino aprendizagem nas artes visuais?

Em minha visão a importância maior é buscar a percepção da heterogeneidade entre os alunos para tomada democrática de decisões que favoreçam a construção do conhecimento e a inclusão multicultural.

03- Que ferramentas avaliativas usa?

Criação de portfólio com atividades práticas e escritas, roda de conversas, trabalhos coletivos escritos e/ou práticos, seminários, auto avaliação e prova escrita e/ou oral.

04- De maneira geral, seja teoria ou prática, quais os critérios que o (a) senhor (a) utiliza dentro de sala de aula?

São inúmeros, dos mais simples aos mais complexos dependendo do conteúdo teórico ou prático aplicado, inclusive dependendo também da faixa etária e ferramenta utilizada. O que mais primo sempre, é que estejam bem especificados e claros para os alunos.

05-Como o (a) senhor (a) relaciona o processo de avaliação com as competências e habilidades da área para o ciclo escolar que leciona?

No processo de aprendizagem as competências e habilidades seriam os objetivos a serem atingidos e a avaliação seria um mecanismo ou ferramenta que faz parte desse processo e dá margem para análise não só da aprendizagem, mas do ensino inclusive.

06-Quais as principais dificuldades apresentadas no processo de avaliação em artes visuais que o (a) senhor (a) identifica?

Muitas vezes pela falta de autonomia, por ter que seguir padrões instituídos na escola, que por vezes são excludentes.

07-Depois de ler sobre Avaliação Mediadora no tríptico anexo a este questionário, o (a) senhor (a) acredita que ela possa auxiliar nos problemas de avaliação nas artes visuais? Por que?

Sem dúvida, o processo de avaliação mediadora seria o ideal não só em artes visuais, mas em toda área do conhecimento. Porém o sistema não está articulado para esse ideal, cabe ao professor buscar meios nessa tentativa. Os inúmeros alunos em sala de aula, a falta de recursos e locais apropriados são fatores que, de certa forma, dificultam para uma avaliação mediadora constante e de melhor qualidade.

ENTREVISTA II/ PROFESSOR “B”:

Questionário

01-O que o (a) senhor (a) entende por avaliação?

É uma forma de medir, verificar ou constatar o aprendizado do discente e analisar se os objetivos estão sendo alcançados.

02-Na sua visão, qual a importância e/ou sentido da avaliação para o processo de ensino aprendizagem nas artes visuais?

É importante em todo processo de ensino e aprendizagem, pois nos permite tomar decisões durante todo o processo.

03- Que ferramentas avaliativas usa?

São diversas como atividades práticas criando um portfólio, exercícios sobre textos, análises de imagens, prova objetiva, atividades em grupo.

04- De maneira geral, seja teoria ou prática, quais os critérios que o (a) senhor (a) utiliza dentro de sala de aula?

Eu ensino história da arte e desenvolvo atividades avaliativas sobre diferentes movimentos artísticos e artistas.

05-Como o (a) senhor (a) relaciona o processo de avaliação com as competências e habilidades da área para o ciclo escolar que leciona?

Eu busco orientações e sigo o currículo em movimento do DF. Buscando propiciar aos alunos conhecer a teoria e apreciar obras de arte e produzir através da prática.

06-Quais as principais dificuldades apresentadas no processo de avaliação em artes visuais que o (a) senhor (a) identifica?

As dificuldades são voltadas para o desinteresse da maioria dos alunos e a desvalorização da arte nos dias atuais.

07-Depois de ler sobre Avaliação Mediadora no tríptico anexo a este questionário, o (a) senhor (a) acredita que ela possa auxiliar nos problemas de avaliação nas artes visuais? Por que?

Sim. Já tenho praticado esse tipo de avaliação. O interessante é que ela nos permite sempre retroceder e retomar através das dificuldades dos alunos.

08-Na sua visão, qual é o intuito de avaliar o aluno na aula de arte?

É uma avaliação do aluno, mas principalmente do trabalho do educador para que possamos atingir nossos objetivos.

09-A partir da leitura sobre Avaliação Mediadora no tríptico anexo a este questionário surgiu alguma nova ideia, possibilidade de avaliação? Quais são elas?

Acredito que a avaliação que tenho desenvolvido é variada e rica em possibilidades, pois vejo meu aluno como um ser único e busco propiciar, na medida do possível, uma avaliação global e diversificada.

ENTREVISTA III/ PROFESSOR “C”:

Renata -Quais as dificuldades de se avaliar em arte?

Professora-*A elaboração das provas. Por mais que você tente elaborar questões que os alunos possam fazer o link com os conteúdos trabalhados eles continuam chutando ou não respondendo. Você tenta ser claro, mas não consegue, eles não compreendem as questões. Aqui na escola temos uma avaliação em que todos os professores participam, eu gosto desse tipo de prova, é legal.*

Renata-A senhora só utiliza a prova como ferramenta avaliativa?

Professora- *Sim, é o que a escola pede.*

Renata- O que a senhora achou da proposta da Avaliação Mediadora?

Professora-*Interessante, não é fácil de aplicar em sala mas é bem legal, gostaria de pesquisar mais a respeito.*

Renata- Quais as dificuldades que a senhora teria em aplica-la em sala de aula?

Professora-*Acho que a quantidade de alunos não torna essa avaliação viável. A autora fala da importância do acompanhamento de cada aluno individualmente, isso é impossível quando se tem mais de quarenta alunos em sala de aula.*

ENTREVISTA IV/ PROFESSOR “D”:

Renata-Quais as dificuldades de se avaliar em artes?

Professora- *São tantas, só não são maiores porque aqui na escola a base das aulas são o vestibular, PAS, essas provas, ou seja, eu dou mais história da arte e a minha avaliação é em prova mesmo. Eu tento colocar trabalhos práticos de vez em quando, mas a maior nota tem que ser a prova, a escola pede. Com relação as provas, não tem muito segredo, apesar de não gostar, tem o gabarito então mas os trabalhos práticos, é complicado não deixar o “gosto” da gente transparecer, essa é minha maior dificuldade.*

Renata- O que a senhora achou da Avaliação Mediadora?

Professora-*Eu gostei, mas acho que não é possível coloca-la dentro de sala de aula. Tenho turmas com mais de quarenta alunos, como posso dar atenção individual a todos?*

(Nessa etapa expliquei a professora que a atenção não era individual o bastante para que o professor tivesse que ficar sentado na carteira ao lado do aluno, mas acompanha-lo, procurar ouvi-lo)

Mesmo assim, acho difícil, não impossível, mas complicado.

Renata-Que dificuldades teria em aplica-la?

Professora-*Pela quantidade de alunos.*

ANEXO II

Abaixo está a folha de acompanhamento usada pela professora e anexada no início dos portfólios dos alunos. Ao final do trabalho os espaços dessa folha são preenchidos pela professora com observações sobre o trabalho apresentado. É importante frisar que esse acompanhamento é realizado durante todo o processo de criação do portfólio sendo que as observações finais são apenas para dar um feedback aos alunos.

Nota: _____

	Parabéns, continue assim!
	Muito bem, mas pode melhorar mais!
	Deve caprichar mais nas atividades práticas.
	Precisa melhorar na elaboração da parte escrita.
	Deve observar melhor as orientações para a organização do portfólio.
	Precisa ser pontual na apresentação dos trabalhos em sala de aula.
	Precisa ser pontual na entrega do portfólio.
	Portfólio incompleto.